

## A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS / ENSINO MÉDIO

Cristina de Vargas Marconato<sup>1</sup>  
Ariéle de Carvalho Soares<sup>2</sup>  
Cesar Vieira Marques Filho<sup>3</sup>

### RESUMO

*Objetivamos neste artigo identificar a importância da Educação Física para os alunos que integram a modalidade de ensino da Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas etapas correspondentes ao Ensino Médio (EM). Para isso foi desenvolvido um estudo exploratório descritivo nas escolas estaduais do município de Santa Maria/RS. Podemos concluir, com esse estudo, que a Educação Física ainda é identificada, pela maioria, como uma prática esportiva. Além disso, não é valorizada como componente curricular, mas situada, como mera atividade.*

*PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Componente Curricular; Ensino Médio.*

### INTRODUÇÃO

A modalidade de ensino, Educação de Jovens e Adultos (EJA), criada pelo governo no ano de 1930, amparada por lei, é uma modalidade específica da Educação Básica que se propõe a atender jovens e adultos que não concluíram seus estudos no Ensino Fundamental ou no Ensino Médio. Tem como objetivo suprir o direito à educação que lhes foi negada ou abandonada. Os motivos que levam ao abandono são diversos, e podem ser econômicos, sociais, políticos e psicológicos. As turmas de EJA são constituídas por alunos das mais diferentes características, isso reflete na grande diversidade cultural que constitui a EJA (AMORIM, 2010).

Ao longo do século XX, a oferta de educação para a EJA passou por diferentes transformações que oscilaram entre modelos conservadores. Em seguida, um novo modelo inspirado nas ideias progressistas de Paulo Freire. O modelo atual mantém as concepções

<sup>1</sup> Especializanda do programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar da UFSM.

<sup>2</sup> Especializanda do programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar da UFSM.

<sup>3</sup> Especializando do programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar da UFSM.

originais, pois, por mais que o texto da Lei de Diretrizes e Bases (LDB<sup>4</sup>) tenha sofrido mudanças, concretamente, as ações pouco se alteram. Pois, a EJA continua fora das prioridades de investimentos políticos e financeiros dos governos, o que demonstram que as políticas públicas ainda estão desconectadas da educação formal.

Entre os componentes curriculares que também sofrem com essa desvalorização social, destaca-se a Educação Física (EF). A inclusão da EF como modalidade de ensino representa a possibilidade de acesso à cultura corporal de movimento (jogos, esportes, ginástica, lutas, danças etc.). Porém sabe-se que se trata de um componente curricular pouco valorizado pelo fato de não ter parâmetros de avaliação tão precisos e valorizados diante das outras disciplinas e, ainda, por sua facultatividade, o que permite a ausência dos alunos sem maiores dificuldades.

De acordo com essa perspectiva e realidade dos alunos que frequentam a EJA nas escolas estaduais de Santa Maria, pudemos constatar que a área da EJA é pouco explorada, tanto nos conhecimentos científicos como na prática. Desse modo, o objetivo desse trabalho é identificar a importância da EF a partir da perspectiva dos estudantes que integram essa modalidade de ensino, da EJA/Ensino Médio (EM). Podendo pensar em alternativas para a EF de forma mais produtiva e mudar o conceito pré-determinado pelos alunos, escolas e sociedade.

Dados apresentados por Muniz (2012) sinalizam que na esfera federal, assiste-se a um aumento na oferta de diferentes ações e programas<sup>5</sup> voltados ao público jovem e adulto. Mas, ainda não se implantou uma política exclusiva, pois a criação desses programas não deixou clara a existência de um conjunto de ações voltadas para uma educação de maior qualidade, com profissionais valorizados e com uma infraestrutura adequada. O aumento de ações voltadas à EJA é visto por Di Piero (2010) e Haddad (2009) como algo que carece de articulação entre as mesmas de modo a configurar uma política pública voltada às especificidades dessa modalidade de ensino com maior efetividade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais (Parecer CEB 11/2000) estabelecem que, sendo a EJA uma modalidade da educação básica nas etapas do ensino fundamental e médio, os

<sup>4</sup> Lei de Diretrizes e Bases nº 9394 de 20 dezembro de 1996.

<sup>5</sup> Programas de incentivo do governo: SEJA, PROEJA, PROJovem, e criação da SECAD e do ENCEJA.



componentes curriculares dessas etapas valem para essa modalidade. Sendo a EF componente da Educação Básica, sua proposta se estende à EJA, que, como os demais componentes do currículo, deve se readaptar no sentido de mudar suas características, necessidades e interesses, mediante as diferentes identidades dessa modalidade de ensino. Para o desenvolvimento de uma proposta adequada para os alunos da EJA, é necessário trabalhar o corpo culturalmente, socialmente e historicamente.

Sabemos que essa modalidade de ensino se caracteriza por sua heterogeneidade. Essa diversidade não é percebida apenas por suas diferentes realidades, mas também por seus diferentes conhecimentos. Para Paim e Günther (2011), considera interessante aproveitar as experiências e vivências dos próprios estudantes. Como afirma Freire (1996), isso seria não só considerar o que os educandos de EJA, que são na maioria principalmente os das classes populares, trazem de sabedoria, mas também, articular junto deles, saberes e conhecimentos maiores e, uma aproximação com os conteúdos da EF escolar.

Cabe acrescentar que o público da EJA deve ser encarado como adulto. Planejamentos infantilizados e sem criatividade é que desencadeiam mais uma dificuldade nessa modalidade, a falta de interesse e motivação nas aulas e outras bagagens que o aluno traz fazem com que muitos deixem de participar das aulas de EF. Além disso, a evasão se apresenta como problema educacional relacionado aos “múltiplos fatores de ordem política, ideológica, social, econômica, psicológica e pedagógica, a ausência de metodologias de ensino que incorporem e articulem os conhecimentos dos quais os alunos são portadores” (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 90).

As pessoas frequentadoras dessa modalidade de ensino buscam além da alfabetização, satisfação pessoal, são, também, aquelas que não conseguiram concluir os estudos no tempo determinado ou que procuram uma melhor valorização em seu emprego, entre outros motivos. Esses são sujeitos sociais, marginalizados de alguma forma, seja nos espaços econômicos, seja nos educacionais. São privados do acesso à cultura educacional, vivem em uma sociedade urbana e escolarizada, em geral, trabalham em empregos não qualificados. Dubet (2004, p. 549) comenta “a escola cria suas próprias desigualdades”. Nelas alguns carregam a marca da exclusão social, o que os afastou da escola, pois as desigualdades sociais pesam

muito nas desigualdades escolares. Esses alunos têm memórias e representações sobre a escola, e a EF também faz parte desse quadro.

Além da diversidade de realidades e perfis na EJA, encontra-se outro aspecto diferente do ensino regular, que são as dispensas nas aulas de EF. Segundo a LDB (BRASIL, 1996), fica definido, no parágrafo 3º: A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; maior de trinta anos de idade; que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado a praticar a educação física; amparado pelo Decreto-lei nº 1.044, de outubro de 1969 e que tenha prole.

Ao conhecer todas essas dificuldades, precisamos pensar sobre o que seria a EF para a EJA/EM. De acordo com estudos de Mazzotti e Pereira (2008), podemos perceber que a EF é relegada ao segundo plano. Isso acontece devido à facultatividade da lei, à falta de espaços favoráveis e à hierarquia das disciplinas que julgam que as de maior importância são as que preparam os alunos para o mercado de trabalho. Essas conclusões baseiam-se em uma representação da EF, a qual é compartilhada entre alunos, professores e escola.

Carvalho (2011, p. 2) defende uma concepção de EF para EJA como uma:

[...] prática pedagógica, aborda / tematiza o conhecimento da área denominada “Cultura Corporal”, através da contextualização (teórica e prática) dos jogos, das ginásticas, da dança, das lutas, da forma esportivizada que estas atividades assumem, assim como pela ludicidade e prazer que o trabalho corporal propicia (jogos e brincadeiras). Estas práticas envolvem códigos, sentidos e significados da sociedade que os cria e mantém – sendo, portanto, produção cultural.

A partir disso, entendemos que a EF não é apenas uma disciplina prática importante pelo fato de proporcionar uma cultura corporal de movimento, mas também uma disciplina teórica que deve disponibilizar ao aluno o conhecimento e fazê-lo refletir e questionar, pois abrange uma diversidade de conteúdos, com os quais podem ser trabalhados todos esses valores. A EF deve ser um componente curricular cujos conhecimentos, nas suas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, abrangem as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento e suas múltiplas relações com a vida humana.

## METODOLOGIA

Essa pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso exploratório. Onde foi utilizado um questionário. O instrumento toma como problema a importância que a EF tem para os alunos de EJA/EM e sua realidade nas escolas estaduais da cidade de Santa Maria, RS.

Optamos pelo estudo exploratório, tendo em vista que se pretende obter uma leitura ampla dos significados da EF para os estudantes de EJA/EM. Conforme Triviños (1987), o estudo exploratório propicia o acesso a importantes informações sobre o fenômeno investigado de modo a fornecer indicativos para problemas específicos a serem aprofundados.

Optamos por um questionário de fácil compreensão e que não exigisse muito tempo para responder, possibilitando dados objetivos sobre as características do público investigado e as informações efetivas sobre os significados da EF para os integrantes do estudo.

## ANÁLISE E INTERPRETAÇÕES

Entre as análises, podemos perceber que a caracterização do universo investigado de cada escola possui organização diferente. De modo geral, a maioria disponibiliza uma aula de EF por semana, com cargas horárias iguais. As aulas, na maioria das escolas, são realizadas em quadra aberta. Há um equilíbrio na quantidade de homens e mulheres participantes das aulas de EJA. Porém, no quesito faixa etária, são pessoas que têm idades entre dezoito e cinquenta anos. Podemos perceber que há uma grande predominância de jovens. De acordo com Reis (2011, p. 42),

um dos fatores que tem dificultado a construção de uma identidade pedagógica da EJA e de sua adequação às características específicas da população a que se destina é o fato desse público estar cada vez mais jovem e urbano, como consequência da dinâmica escolar brasileira e das pressões do mundo do trabalho.

Nesse sentido, confirmam-se os dados da pesquisa, pois cada vez mais a EJA é caracterizada pela participação de jovens, além de aumentar o número de estudantes-trabalhadores. Devido às suas condições de vida e as obrigações abandonam o ensino regular para trabalhar ou procurar emprego. Nesse contexto, o trabalho é uma necessidade anterior à necessidade de estudo para essas classes mais baixas no Brasil, pois se trata de assegurar a



sobrevivência. O estudo também apontou que a partir da realidade desses jovens e adultos, a maioria optou por estudar na EJA devido ao fato de trabalhar durante o dia.

Sobre a EF, segundo os alunos, é considerada uma atividade livre. Essa representação não difere nas escolas. A partir da representação que os alunos da EJA têm da EF, pode-se compreender a sua relação com a frequência nas aulas. Podemos constatar que a minoria dos alunos matriculados da EJA frequenta a aula de EF. Isso se deve a vários fatores, como o desinteresse, os julgamentos e também a facultatividade. No entanto, há casos de alguns sujeitos que, apesar de terem atestados, optam por participar, o que reforça o caráter de *atividade* conferido à EF e não de aula. De acordo com Paim e Günther (2011, p. 11), “tratar a Educação Física como componente curricular não obrigatório para os estudantes de EJA deixa a mesma como sendo uma simples prática corporal de esforço físico desvinculada de outros papéis pedagógicos”. Ou seja, a EF é vista como uma mera atividade, uma vez que não é exigida e valorizada pela escola e pela lei.

É possível notar que a maioria dos alunos que respondeu os questionários participa das aulas de EF, todavia, sabemos que essa maioria é pouco significativa diante do número de matriculados nas turmas de EJA e que atestam não poderem frequentar essas aulas. Esses dados acabam trazendo elementos que nos ajudam a entender a fragilidade da EF dentro da escola e perante a própria lei. Existe uma grande dificuldade em fazer afirmações mais precisas sobre essa questão, pois só foi possível trabalhar com o número de participantes que vem às aulas, e os próprios professores de EF não têm um número exato de estudantes matriculados e que frequentam as aulas. Existe uma flutuação de público na EJA que dificilmente se consegue apurar durante o ano.

Conforme observado e relatado, a disciplina, para esse público, é entendida como esporte, algo prazeroso, ligado ao lazer e sem grandes conhecimentos aproveitados para o seu futuro. Como já mencionado, tudo remete a perceber que essa representação já estava ligada à história do aluno dentro da escola, na qual já vivenciou essa experiência. De modo geral, na questão sobre o que aprenderam percebemos que, mais uma vez, o que predomina é o esporte, sendo mais citado o voleibol. Também constatamos que a EF, no ensino regular, para a maioria dos alunos que compõem a EJA, é representada pela prática de esportes, principalmente voleibol e futsal.



Diferentes estudos de Mazzotti e Pereira (2008) e Ojeda (2011) apontam visões comuns onde os alunos de EJA/EM julgam que EF é esporte, diversão ou saúde. Em nenhum dos casos expressa associação entre EF e conhecimentos formais, mas apenas como essa associação a *atividade*. (grifo nosso). Essa representação resulta de um processo iniciado no século XX em que ocorreu a transposição do controle “do corpo via racionalização, repressão, com enfoque biológico para um controle via estimulação, enaltecimento do prazer corporal, com enfoque psicológico” (BRACHT, 1999, p. 74.). Em outras palavras, os alunos têm uma visão muito biológica de corpo, uma vez que acreditam que trabalhando o corpo, não trabalham a mente, de forma a separá-los, desconsiderando aspectos culturais, históricos e sociais.

Sobre o lugar da EF no currículo escolar ou qual sua importância dentro do currículo foi à questão que os alunos tiveram dificuldades em responder, uma vez que o currículo não é muito compreendido por eles. Por isso, os comentários que prevaleceram nas questões foram que a disciplina deveria ser mais valorizada, mais exigida e que deveria ser contemplada com mais de uma aula durante a semana. De modo geral, a EF foi classificada como uma disciplina importante, uma vez que os alunos a entendem como uma oportunidade para aprender esportes, exercitar o corpo, interagir com os colegas, além de proporcionar saúde e lazer. Porém alguns adultos acreditam que, para quem trabalha, as aulas são consideradas cansativas e as consideram sem valor. Há, também, a opinião de que a disciplina é desnecessária, uma vez que praticam outras atividades como academia, o que substituiria a aula de EF. Mais uma vez, evidencia-se o tratamento de *atividade* e não de componente curricular que inclui conhecimentos formais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos resultados apresentados, concluímos que a EJA ainda precisa de reformulações na sua grade curricular. Uma vez constatado que os próprios alunos da rede percebem a importância das aulas de EF, é preciso dar mais espaço a essa disciplina e mais valor como componente curricular. O que ocorre, efetivamente, é que a EF não é tratada e nem organizada como um componente curricular.

Podemos perceber, a partir das coletas, que, mais uma vez, a EF é considerada como uma prática de esportes. Porém devemos compreender que esse componente curricular não é apenas uma atividade, ela deve vir vinculada com aspectos históricos, sociais e culturais, uma vez que tem parcela dentro da educação de seus alunos, visto que ela abrange uma diversidade de conteúdos com os quais podem ser trabalhados todos esses valores. Já existe um acúmulo de produção científica na área que pode subsidiar uma sólida argumentação sobre sua condição de componente curricular na Educação Básica e na EJA. É questionável, no entanto, se essa produção tem atingido o professorado que atua nas escolas.

Sendo assim, a EF deve se fazer um componente curricular que abranja as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento e suas múltiplas relações com a vida humana. O objetivo é fazer com que surja um maior interesse e uma maior valorização das experiências e conhecimentos da disciplina.

#### ABSTRACT

*We aim in this article to identify the importance of the Physical Education for students that integrate the teaching modality of Education Youth and Adults (EJA), in the corresponding steps to High School (HS). For that, a descriptive exploratory study was developed in the State Schools in the municipality of Santa Maria/RS. We can conclude, with this study, that Physical Education is still identified by the majority as a sports practice. Beyond that, it is not prized as a curricular component, but situated as mere activity.*

**KEYWORDS:** *Youth and Adult Education; Curricular component; High School.*

#### RESUMEN

*Pretendemos en este artículo para identificar la importancia de la Educación Física para los estudiantes que integran la modalidad de enseñanza de la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). Para ello, un estudio exploratorio descriptivo en las escuelas públicas del municipio de Santa Maria / RS fue desarrollado. Podemos concluir, con este estudio, que la educación física es aún identificada por la mayoría como una práctica deportiva. Por otra parte, no es valorado como un componente curricular, pero situado como mera actividad.*

**PALABRAS CLAVE:** *Educación para jóvenes y adultos; Componente curricular; Escuela Secundaria.*



## REFERÊNCIAS

AMORIM, T. L. L. *Educação de Jovens e Adultos: ontem e hoje*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/educacao-de-jovens-e-adultos-ontem-e-hoje/52171/>> Acesso em: 20 março 2014.

BRACHT, V. *A constituição das teorias pedagógicas da educação física*. Cadernos CEDES, Campinas, SP, v. 19, n. 48, set., 1999.

BRASIL. *Ministério de Educação e Cultura*. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CARVALHO, R. M. *Orientações norteadoras para a Educação Física na EJA*, 2011. Disponível em: <[http://primeiro.seeja.com.br/Trabalhos/20%20Sujeitos%20Conhecimento%20e%20Cultura/Rosa%20Malena%20Carvalho\\_Orienta%C3%A7%C3%B5esNorteadorasParaaEduca%C3%A7%C3%A3oFisicanaEJA.pdf](http://primeiro.seeja.com.br/Trabalhos/20%20Sujeitos%20Conhecimento%20e%20Cultura/Rosa%20Malena%20Carvalho_Orienta%C3%A7%C3%B5esNorteadorasParaaEduca%C3%A7%C3%A3oFisicanaEJA.pdf)> Acesso em: 15 abril 2014.

DI PIERRO, M.C. *A educação de jovens e adultos no plano nacional de educação: Avaliação, desafios e perspectivas*. V.31. Campinas: Educ. Social, 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 24 março 2014.

DUBET, F. *O que é uma escola justa?* São Paulo: Caderno de Pesquisa, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n123/a02v34123.pdf>> Acesso em: 05 abril 2014.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HADDAD, S. *Educação de Jovens e Adultos – a dura realidade dos que querem estudar*. São Paulo: Brasil de fato, 2009. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/4216>>. Acesso em: 25 abril 2014.

HADDAD, S.; DI PIERRO, M. C. *O estado da arte das pesquisas em Educação de Jovens e Adultos no Brasil: a produção discente da pós-graduação em educação no período 1986 – 1998*. São Paulo: Ação Educativa, 2000.

MAZZOTTI, T. B.; PEREIRA G. M. *Representações sociais de Educação Física por alunos trabalhadores do ensino noturno*. Rio Claro: Motriz, 2008.

MUNIZ, E. *Enfraquecimento de programas públicos de educação de jovens e adultos preocupa*. Rede Brasil Atual, 2012. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2012/09/em-quatro-anos-numero-de-matriculadas-de-estudantes-jovens-e-adultos-cai-17>>. Acesso em: 10 abril 2014.



OJEDA, T. *Relações entre corpo, trabalho e educação física na Educação de Jovens e Adultos*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação Física. UFSM, Santa Maria, 2011.

PAIM, A. S.; GÜNTHER, M. C. C. *Significados das aulas de Educação Física para os estudantes de EJA um estudo nas escolas da rede pública de Santa Maria - RS*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3, 2011, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: Ed. da UNISINOS, 2011.

REIS, J. A. P. *As trajetórias de vida dos estudantes-trabalhadores da educação de jovens e adultos: os significados da Educação Física*. Um estudo em uma escola da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. 2011. 216 fl. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – UFRGS, Porto Alegre, 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

Endereço: Avenida Presidente Vargas, nº 1263, AP. 103.  
Bairro Centro, Santa Maria, RS, Brasil.  
e-mail: [criszvm@hotmail.com](mailto:criszvm@hotmail.com)